



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**JOÃO DAMASCENO DE SOUSA**

**PUNHAL DE PRATA: AMOR E SAUDADE EM COMPOSIÇÕES DE NANADO  
ALVES**

**MONTEIRO**

**2024**

**JOÃO DAMASCENO DE SOUSA**

**PUNHAL DE PRATA: AMOR E SAUDADE EM COMPOSIÇÕES DE NANADO  
ALVES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva.

**MONTEIRO**

**2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725p Sousa, Joao Damasceno de.  
Punhal de prata [manuscrito] : amor e saudade em composições de Nanado Alves / Joao Damasceno de Sousa. - 2024.  
44 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2024.  
"Orientação : Prof. Dr. Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHE. "  
1. Amor. 2. Saudade. 3. Poesia. 4. Composição musical. 5. Análise literária. I. Título  
  
21. ed. CDD 801.95

Elaborada por Talita R. Bezerra - CRB - 15/970

Biblioteca  
José  
Rafael de  
Menezes

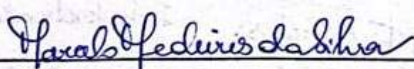
JOÃO DAMASCENO DE SOUSA

PUNHAL DE PRATA: AMOR E SAUDADE EM COMPOSIÇÕES DE NANADO  
ALVES

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

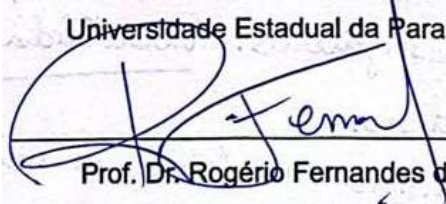
Aprovada em: 17/05/2024.

**BANCA EXAMINADORA**



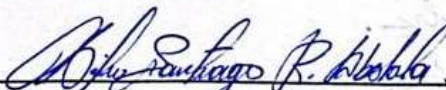
---

Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Rogério Fernandes dos Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Hélio Santiago Rodrigues Abdala  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Força Divinal, em todas as suas manifestações, de todas as crenças, energia que cria e poetisa o mundo.

A meu pai, pela vida. A minha mãe, poesia maior da minha vida. A minhas “irmã(e)s”, versos de um amor infindável.

Meu filho, amor dos meus amores! Meus netos, Ana Laura e Otávio Luiz, meu lugar de felicidade!

Ao meu *Amor de Sempre*, por tudo que fomos e seremos!

À amada prima Doró (*in memoriam*), por me acalantar ao nascer, pela paixão por livros e por me apresentar o Pessoa.

Às imensas Aldinida Medeiros e Marcelle Ventura, poesia em forma de gente, minhas primeiras professoras de literatura nesta graduação, por me lançarem nesta estrada de amor ao estudo do texto literário.

Ao professor Márcio Gomes (*in memoriam*), por seu amor à literatura.

Ao meu orientador, Professor Marcelo Medeiros, pelo zelo na condução deste trabalho e, acima de tudo, pelo exemplo de compromisso sério e dedicado ao fazer educação. Seu ser professor inspira!

Enfim, a todos os que me permitiram frequentar suas existências, se fazendo poesia em minha história, dedico este trabalho.

*“Por ser exato, o amor não cabe em si.  
Por ser encantado, o amor revela-se!  
Por ser amor, invade e fim!”*

*(Djavan – Pétala)*

*“Se me faltares, nem por isso eu morro.  
Se é pra morrer, quero morrer contigo!”*

*(Pablo Milanez – Iolanda)*

*“(...)o amor é como menino que não sabe fazer contas nem de perda nem de ganho, vive desacautelado, não tem lei, não tem juízo, não se explica nem se entende, é charada e susto, mistério(...)”*

*(Maria V. Rezende – O Voo da Guará Vermelha)*

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
2	<b>Quem inventou o amor? Me explica, por favor!</b> .....	13
3	<b>Sei rimar romã com travesseiro – analisando o <i>corpus</i></b> .....	20
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	34
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	35
	<b>APÊNDICES</b> .....	37

# **PUNHAL DE PRATA: AMOR E SAUDADE NAS COMPOSIÇÕES DE NANADO ALVES**

João Damasceno de Sousa\*

## **RESUMO**

O amor, nas mais diversas manifestações, especialmente em sua faceta romântica, nunca deixou de fazer parte das venturas e desventuras de nossa sociedade, mesmo nesses tempos de vidas virtuais, de dependência eletrônica e de fugazes relações interpessoais. As histórias de amor continuam a encantar a muitos, fazer sonhar a outros, suscitar críticas de mais uns tantos. A partir de um recorte da obra do compositor monteirense Nanado Alves, o artigo que ora apresentamos objetiva analisar a dor de amar em oito composições do artista, quais sejam, “Um passarinho” (1995), “Encontro a três” (1996), “Fulô de chêro” (2005), “Punhal de Prata” (2005), “O navegante” (2005), “Do meu jeito” (2010), “Aroma de mel” (2012) e “Deixe que a vida dirá” (2014). Para tanto, buscamos fulcro nos estudos de Bertini (2016), Cardoso (1987), Chevalier e Gheerbrant (2023), Comte-Sponville (2009), Costa (1998), Del Priory (2015), Leite (1979), Lino (2009), Menezes (2008), Moisés (2012), Nasio (2007), Paz (1994), Souza (2021) e Vieira (2022). Partindo das considerações sobre o amor encontradas nesses autores, desde os postulados da filosofia clássica até reflexões contemporâneas, buscamos depreender as recorrências dos subtemas paixão e saudade nas obras do compositor monteirense, para investigar como o tema do amor e da saudade encontra esteio em sua produção e a partir de que perspectiva o compositor/poeta pensa esses temas. É propósito deste trabalho contribuir para a valorização da produção literária local, especialmente dos artistas populares, como forma de aproximar sempre mais o fazer acadêmico do cotidiano de nossa região.

**Palavras-chave:** Amor. Saudade. Paixão. Poesia.

## **ABSTRACT**

Love, in its most diverse manifestations, especially in its romantic aspect, has never stopped being part of the fortunes and misfortunes of our society, even in these times of virtual lives, electronic dependence and fleeting interpersonal relationships. Love stories continue to enchant many, make others dream, and arouse criticism from many more. Based on an excerpt from the work of the Monteirense composer Nanado Alves, the article we present here aims to analyze the pain of loving in eight of the artist's compositions, namely, “Um passainho” (1995), “Encontro a tres” (1996), “Fulô de chêro” (2005), “Silver Dagger” (2005), “The Navigator” (2005), “Do meujeito” (2010), “Aroma de mel” (2012) and “Deixe que a vida will tell ” (2014). To this end, we sought support in the studies of Bertini (2016), Cardoso (1987), Chevalier and Gheerbrant

---

\* Graduando em Letras – Português, pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: damascenosousa76@gmail.com.



(2023), Comte-Sponville (2009), Costa (1998), Del Priory (2015), Leite (1979), Lino (2009), Menezes (2008), Moisés (2012), Nasio (2007), Paz (1994), Souza (2021) and Vieira (2022). Starting from the considerations about love found in these authors, from the postulates of classical philosophy to contemporary reflections, we seek to understand the recurrences of the subthemes of passion and longing in the works of the Monteirense composer, to investigate how the theme of love and longing finds support in his production. and from what perspective the composer/poet thinks about these themes. The purpose of this work is to contribute to the appreciation of local literary production, especially popular artists, as a way of bringing academic work ever closer to everyday life in our region.

**Keywords:** Love. (...). Passion. Poetry.

## 1. INTRODUÇÃO

Há séculos, as histórias de amor agitam as mentes e mexem com o coração das pessoas. De modo especial, as que envolvem mistérios, segredos, perigos, aventuras, mas, destacadamente, suspiros e ais são as que atraem mais a atenção do público e muitas vezes são contadas ou cantadas de diversas formas. Romances, novelas de cavalaria, cantigas de amor, melodramas são alguns dos gêneros que popularizaram histórias de amor e por elas foram popularizados. Escritores, trovadores, filósofos nunca se furtaram a contar ou pensar sobre histórias de amor.

Na esteira desses trabalhos, o presente artigo volta-se também para o amor. Sobre o amor e sobre a dor de amar. Sobre o amor idealizado, realizado e negado. Falaremos também de saudade, esse tempero de amores que se findam. Enfim, sobre temas já tão recorrentes na literatura, especialmente nos trabalhos já escritos sobre a música brasileira. Quantos de nossos compositores têm no amor e suas dores e alegrias, na saudade, sua matéria prima composicional? Muitas são as formas e muitos são ainda os sujeitos que têm se dedicado ao artístico trabalho de eternizar personagens, reais ou ficcionais, que viveram histórias de amor e que nos tocam, ainda, profundamente.

Desde as lendas medievais, como Tristão e Isolda, ou mesmo desde antes delas, aos romances brasileiros de José de Alencar e Maria Valéria Rezende, ou até nas formas poéticas de Camões a Vinícius de Moraes ou ainda na poesia popular de Otacílio Batista e Zé Ramalho, o amor tem servido de tema para uma diversidade de enredos e versos. Entre tantas formas e tantos artistas, figuram os poetas e compositores da música nordestina, sempre afeitos a cantar o amor e os desdobramentos de quando se é possuído por este deus-sentimento.

Não é desconhecido que o Nordeste Brasileiro é um celeiro perene de artistas dos mais variados. Destaca-se nesse plantel uma enormidade de escritores e poetas, alguns até internacionalmente conhecidos, já amalgamados no cânone literário do país. Mas há um sem número de outros vates que alçam voos mais limitados geograficamente, embora não menos competentes e importante para o sistema literário/cultural da região em que desfilam seus versos e suas dores. O espaço geográfico compreendido entre o Cariri da Paraíba e o Pajeú pernambucano, por exemplo, destaca-se nesse cenário. Daqui brotaram nomes reconhecidos da música,

da poesia e do romance, a exemplo de Jansen Filho<sup>1</sup>, os irmãos Batista: Dimas, Otacílio e Lourival<sup>2</sup>, Marinês<sup>3</sup>, Anastácia<sup>4</sup>, Renata Arruda<sup>5</sup>, Maciel Melo<sup>6</sup>, Diniz Vitorino<sup>7</sup>, Flávio José<sup>8</sup> e tantos outros.

Um desses bardos nordestinos é o poeta Nanado Alves, compositor monteirense, que, ao longo de sua carreira, tem emplacado canções de sucesso na voz de artistas famosos, como Flávio José e Santana. Nascido Agnaldo Alves Oliveira em primeiro de junho de 1966, filho do pedreiro Severino Ludo de Oliveira e da cozinheira Josefa Maria Alves, Nanado Alves despertou para a música já na infância, ouvindo sua mãe cantar e acompanhando os artistas de sucesso nas rádios e nos programas de TV. Ainda jovem, passou a acompanhar artistas locais e tocar nos grupos musicais da cidade. Foi integrante da banda *Magníficos* e de *Os Tropicais de Monteiro*.

Atualmente, apresenta-se acompanhado de sua própria banda, o *Xote Violado*. Dono de um repertório vasto, de reconhecidas composições, muitas em parceria com

---

<sup>1</sup> Figura de destaque na poesia paraibana moderna. Nascido em Monteiro-PB, aos 01/03/1925. Influenciado pelos poetas e repentistas nordestinos, começa a compor seus versos desde infância. Formado em Ciências Jurídicas e sociais. De acervo eclético, alcançou reconhecimento nacional pela expressividade de sua obra. Faleceu em São Paulo, em 18 de julho de 1994.

<sup>2</sup> A tríade de irmãos nascidos no hoje município de Itapetim-PE, filhos do monteirense Raimundo Joaquim Patriota e da teixeirense Severina Batista Patriota. Lourival, - Louro do Pajeú (1915 – 1992), conhecido por sua capacidade de improvisar com trocadilhos. Dimas (1921 – 1986), era o mais culto dos três, formando-se em Letras Clássicas. Otacílio (1923 – 2003), além de repentista, é autor de vários livros.

<sup>3</sup> Cantora, atriz, compositora e bacharel em direito, a campinense nascida em 16/11/1935, é figura de destaque na tradição musical nordestina. Parceira de Abdias (com quem foi casada), de Genival Lacerda e Luiz Gonzaga, gravou seu primeiro disco em 1957. Ficou conhecida como “A Rainha do Xaxado”. Falece em 14 de maio de 2007, na cidade de Recife-PE.

<sup>4</sup> Nome artístico de Lucinete Ferreira, nascida aos 30/05/1940, em Recife-PE. Cantora e compositora, é autora prolífica, tendo escrito, somente ao lado de Dominginhos, com quem foi casada, mais de 250 canções. Em 2018, foi indicada ao Grammy, pelo álbum “Daquele Jeito”, na categoria “música de raízes em língua portuguesa”.

<sup>5</sup> Renata Arruda Souto Maior, compositora, poetisa e cantora pessoense, nascida em 23/12/1967. De voz marcante e com repertório eclético, alcança sucesso nacional, participando de trilhas de novelas e especiais de TV, ao longo da carreira.

<sup>6</sup> Natural de Iguaracy-PE (então distrito do município de Afogados da Ingazeira), é um dos compositores pernambucanos mais aclamados da atualidade. Nascido em 26/05/1962, é autor de sucessos como “Caboclo Sonhador”, gravada por Fagner, já teve canções em trilhas de novelas e filmes. É apontado por nosso autor como seu maior ídolo.

<sup>7</sup> Paraibano de Monteiro, cantador, violeiro, escritor, poeta, cordelista, filho do poeta Joaquim Vitorino. Nasceu em 06/05/1940. Publicou livros e gravou discos, mas destacou-se fundamentalmente como repentista, chegando a vencer 23 dos muitos festivais em que participou. Morreu aos 05 de junho de 2010, em João Pessoa-PB.

<sup>8</sup> Flávio José Marcelino Remígio, cantor monteirense de maior destaque, nasceu em 01/09/1951. Canta e toca desde seus 05 anos de idade. É, por muitos, considerado uma das mais belas vozes da música nordestina. Reconhecido nacionalmente, em especial no eixo Rio-São Paulo, onde realiza muitos shows por ano para a comunidade nordestina. Gravou vários discos desde 1977, tanto com a Banda os Tropicais, onde iniciou a carreira com seus irmãos, como em carreira solo.

Ilmar Cavalcante, Nanado é citado por muitos amigos e parceiros como um diferencial na poesia cantada do Nordeste contemporâneo. Abundante no uso de metáforas, notório trovador das belezas e venturas do Cariri, inegavelmente, o poeta descende da mesma verve de compositores importantes, como Luiz Gonzaga<sup>9</sup>, Zé Dantas<sup>10</sup>, Zé Marcolino<sup>11</sup>, entre outros. Convivendo, desde a infância com a obra desses vultos nordestinos, através do rádio e dos forrós que animavam a vida rural e urbana de sua terra natal, Nanado foi desenvolvendo seu gosto pela música e sua habilidade de compor, transitando entre o retrato da vida nordestina e os sentimentos de amor e saudade, tão comuns aos poetas e menestréis.

Considerando a importância de sua obra musical, tomamo-la como *corpus* do presente trabalho. Pretendemos analisar os temas do amor e da saudade em algumas letras de músicas compostas por Nanado Alves. Para tanto, em virtude de extensão do *corpus*, já que existem mais de quinhentas composições, e a partir de uma escolha muito pessoal, depois de ler boa parte das composições e de, em conversa com o próprio compositor, sondar quais as letras que ele tomaria como as mais importantes dentre o seu repertório, vamos nos restringir à análise das seguintes letras de música: “Punhal de Prata”(2005), “O navegante”(2005), “Aroma de mel”(2012), “Fulô de chêro”(2005), “Encontro a três”(1996), “Um passarinho”(1995), “Deixe que a vida dirá”(2014) e “Do meu jeito”(2010), as quais podem ser tomadas como exemplares não apenas do trabalho lítero-musical de Nanado Alves, mas, sobretudo, dos temas que perpassam as suas composições no geral.

O trabalho iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica, em cinco cadernos escolares (popularmente conhecidos como “caderno de matéria”), nos quais o compositor costuma registrar seus escritos. Alguns textos já foram disponibilizados digitados em folhas de papel A4 e não manuscritos. De acordo com a companheira do artista, haveria ainda mais material, no entanto, entendemos por suficiente aquele acervo inicial. De uma primeira análise, resultou um compilado de cem páginas

---

<sup>9</sup> Luiz Gonzaga do Nascimento, o Rei do Baião, natural de Exu-PE, nascido em 13/12/1912, é considerado o maior expoente da música nordestina e inspirador de uma legião de sucessores dos gêneros musicais criados por ele; Faleceu em 02 de agosto de 1989, no hospital Santa Joana, na capital pernambucana.

<sup>10</sup> José de Sousa Dantas Filho (1921 – 1962), nascido em Carinaíba-PE. Compositor, poeta e folclorista, é reconhecido como o principal parceiro musical do Rei do Baião;

<sup>11</sup> Nascido em 28/06/1930, no sítio Várzea, então município de Sumé-PB, atualmente no território do município de Prata-PB, é autor de alguns dos maiores sucessos da carreira de Luiz Gonzaga, com quem também fez parceria, como Sala de Reboco, Cacimba Nova, cantiga de Vem-vem e Serrote Agudo. Vítima de um acidente automobilístico, morre em 20 de setembro de 1987, no município de Carinaíba-PE.

fotocopiadas, a partir do qual a pesquisa se intensifica em seu processo de síntese. Entre as páginas selecionadas, havia letras de canções, estrofes aleatórias versando sobre assuntos diversos e cotidianos, além de poemas em formas fixas, como sonetos. Desse compilado inicial, considerando a temática que pretendíamos estudar, selecionamos trinta composições, número exorbitante para o trabalho que pretendíamos realizar. Assim, a partir de uma releitura dessas composições, chegamos ao conjunto de oito canções que constituem o *corpus* do presente trabalho: “Um passarinho” (1995), “Encontro a três” (1996), “Fulô de chêro” (2005), “Punhal de Prata” (2005), “O navegante” (2005), “Do meu jeito” (2010), “Aroma de mel” (2012) e “Deixe que a vida dirá” (2014).

Da análise dessas canções, buscaremos depreender o sentido do amor para o poeta, visando perceber a recorrência dos elementos estilísticos e temáticos. Desta forma, buscaremos responder: Como o amor e a saudade encontram-se representados nas composições de Nanado Alves? Além disso, na construção do seu discurso amoroso, qual o lugar ocupado pela figura feminina?

Este é um trabalho cuja relevância está em pensar a produção cultural local e, assim, contribuir para a valorização dessa produção e dos artistas locais a partir da inserção deles na universidade como objeto de estudo e reflexão. Esse gesto poderá contribuir para a ampliação dos leitores e potencializar o reconhecimento social dos artistas e de suas obras em uma cidade cuja imagem vendida lá fora é de um grande celeiro cultural. Ao longo dos anos, slogans como “Cidade do Forró”, “Terra que respira música e poesia”, “Cidade que encanta em prosa e verso”, têm sido utilizados pelo poder público e pelo povo, para divulgar o nome da “Capital do Cariri”, país afora.

O poeta cearense Geraldo Amâncio<sup>12</sup>, numa cantoria, referindo-se a alguns dos importantes nomes monteirenses, teria improvisado:

Monteiro, terra divina  
De um povo alegre e feliz,  
O chão que deu Jansen Filho,  
Deu Pinto, Flávio e Diniz.  
Terra com tantas estrelas  
Não foi céu porque não quis!

---

<sup>12</sup> Geraldo Amâncio Pereira, poeta, repentista, escritor e cantador cearense, nascido no Sítio Malhada de Areia, município do Cedro-CE, em 29/04/1946, considerado pelos amantes da cantoria de viola como um dos maiores repentistas de nossos tempos.

Assim sendo, partindo do estudo de um autor local, ainda vivo, o presente trabalho mostra-se pertinente, ainda mais porque nasce de um curso de letras vinculado a um campus universitário que leva o nome daquele que é considerado o maior de todos os cantadores, Pinto do Monteiro<sup>13</sup>. Trazer para o espaço do fazer científico o fazer poético de uma de suas mentes mais inspiradas, o poeta Nanado Alves, é um dos nossos objetivos.

## 2 – “Quem inventou o amor? Me explica, por favor!”<sup>14</sup>

O amor é uma virtude, nos diz a filosofia. Para a literatura parece não haver uma definição de amor. Ou há tantas quantas são as manifestações de cada autor. Se o recorte recai sobre a poesia, então, expandem-se ainda mais as possibilidades, dada a sua polissemia. Porém, se voltarmos à filosofia, esse “amar o conhecer”, e buscarmos a definição de virtude, poderemos encontrar alguns conceitos que ofereçam uma melhor condensação dessas interpretações. Comte-Sponville (2009, p.7) nos lembra que, para os gregos, virtude é poder, é o próprio bem, nascido do encontro do homem biológico com o homem cultural: “...a virtude de um homem é o que o faz humano, ou antes, é o poder específico que tem o homem de afirmar sua excelência própria, isto é, sua humanidade” (COMTE-SPONVILLE, 2009, p.8). Desta forma, podemos entender que o amor é uma forma de existência, um jeito de o homem ser. É a própria força motriz do que é humano: “Cumprir amar o amor ou não amar nada, amar o amor ou se perder” (COMTE-SPONVILLE, 2009, p.244).

Como ponto de partida para depreendermos, dentre tantas, uma concepção de amor para nortear nossa análise, vejamos o que orienta Paz (1994):

Antes de qualquer coisa, é preciso distinguir entre o sentimento amoroso e a ideia do amor adotada por uma sociedade e uma época. O primeiro pertence a todos os tempos e lugares: em sua forma mais simples e imediata não é senão a atração passional que sentimos por uma pessoa entre muitas. A existência de uma imensa literatura cujo tema central é o amor é uma prova final da universalidade do sentimento amoroso (Paz, 1994, p. 35).

---

<sup>13</sup> Nascido no Sítio Carnaubinha, município de Monteiro-PB, aos 21/11/1895, Severino Lourenço da Silva Pinto, a Cascavel do Repente, aclamado por todos os poetas do gênero e por apologistas como o gênio maior da poesia de viola. Morreu aos 28 de outubro de 1990, em sua cidade natal.

<sup>14</sup> Versos iniciais da canção *Antes das seis*, da Legião Urbana.

Ao refletir sobre o sentimento amoroso, Paz(1994) vai nos dizer que, por vezes, as reflexões sobre o amor se tornam um ideal em determinadas sociedades, ou seja, determinado povo, em determinada época e a partir de suas experiências, estabelece formas de viver e compreender o sentimento amoroso. Nas palavras do autor, o sentimento amoroso seria, portanto, uma ética, uma estética, ou, conforme opta por referir-se, uma *cortesias*, no sentido medieval. E essa *cortesias* seria um saber apreensível àqueles que, trazendo consigo qualidades inatas, estejam dispostos a “cultivar sua mente e seus sentidos, aprender a sentir, falar e, em certos momentos, calar-se. A cortesias é uma escola de sensibilidade e desinteresse” (Paz, 1994.p.36).

Neste trabalho, em virtude do discurso presente nas composições que vamos analisar, o amor será tratado na perspectiva do amor romântico e alguns de seus elementos caracterizadores. Das leituras de Paz (1994) e Costa (1998), sintetizamos o conceito de Amor Romântico como sendo a idealização do sentimento amoroso e, principalmente, dos sujeitos objetos desse sentimento. Invenção cultural ocidental, teria sua gênese no Amor Cortês, gestado concomitantemente ao surgimento da Europa, no século XII, e contemporâneo da Poesia Lírica:

O amor romântico, como ideal de perfeição ética e estética, promete um tipo de felicidade na qual o indivíduo encontra plenitude numa perfeição de adequação física e espiritual ao outro. Como movimento literário, surgiu em 1836. No sentido amplo, antes de ser um movimento literário, com datas delimitadas, o Romantismo sempre existiu e existirá, enquanto houver pessoas de temperamento exaltado ou melancólico, sonhador ou fantasioso, com predileção pelo que ditam os sentimentos (Menezes, 2007, p. 561).

No universo do Amor Romântico, o ser amado é um horizonte idílico a ser alcançado. Em sua forma mais exacerbada, é uma entrega de si mesmo às incertezas do acaso, ao sofrimento e à renúncia. O ser possuído pelo cálice do amor romântico deixa-se envolver pela magia e pelo mistério e devota-se à idolatração da pessoa amada. Em razão disso, o amor romântico insta os seres a um refinamento dos sentimentos e à busca por relações amorosas para além do mero prazer carnal ou da procriação. No entanto, ressalte-se que, para Paz (1994), esse refinamento não afasta do sentimento amoroso a sua relação com a sexualidade e o erotismo. Segundo o autor, se a sexualidade é característica do homem animal, o erotismo é sua face humana e, por fim, seria impossível conceber o amor, especialmente o romântico, sem sua face erótica, que figura como uma cerimonialização das relações entre os amantes.

Ao tratar sobre a questão do erotismo e sua relação com a sexualidade, Paz (1994) destaca que o primeiro é uma particularidade dentro do grande espectro que é o segundo. Para o autor, o sexo é natureza, o erotismo uma criação, que possui função social, sendo, portanto, cultura. E faz essa ponderação para introduzir a relação entre erotismo e poesia<sup>15</sup>, *corpus* de nossa análise. Para Paz (1994), assim como o erotismo é um desvio<sup>16</sup> em relação à finalidade original do sexo, que é a reprodução, a poesia vai além da finalidade primordial da linguagem, que é a comunicação: “[...] o poeta já não aspira a dizer, e sim a ser. A poesia interrompe a comunicação como o erotismo, a reprodução” (Paz, 1994, p.13). Então, considerada essa exceção que é a matéria erótica dentro no universo do sexo, também há fronteiras demarcadas entre o erotismo e o amor, segundo o referido autor, muito embora também afirme que estas fronteiras sejam movediças. O amor é um processo de escolha, que marca a atração por um indivíduo, por um único corpo, e mais, por uma única alma dentro da concepção de amor romântico que enfeixa o imaginário ocidental:

O sentimento amoroso é uma exceção dentro dessa grande exceção que é o erotismo diante da sexualidade – mas é uma exceção que aparece, porém, em todas as sociedades e épocas. Não há um povo nem civilização que não possua poemas, canções, lendas ou contos nos quais a anedota ou o argumento – o mito, no sentido original da palavra – não seja o encontro de duas pessoas, sua mútua atração e os esforços e dificuldades que devem enfrentar para se unirem. [...] Predestinação e escolha, os poderes objetivos e os subjetivos, o destino e a liberdade se cruzam no amor. O território do amor é um espaço imantado pelo encontro de duas pessoas (Paz, 1994. p. 34-35).

Na Antiguidade Clássica, acreditavam os filósofos que a separação dos humanos em masculino e feminino seria um castigo dos deuses, como nos é narrado em *O Banquete*, de Platão. Originalmente, os humanos eram criaturas dotadas das duas características. Com o conhecimento, ao tentarem se igualar aos deuses, seus

---

<sup>15</sup> Embora o universo literário, especialmente o acadêmico, considere a distinção entre poema e letra de música/canção, utilizamos aqui o termo *poesia*, com base nas considerações feitas por Moriconi(2002), que discorre com bastante pertinência sobre a possibilidade de uma fusão conceitual entre os dois gêneros, considerada a tradição poética da língua portuguesa, gestada nas Cantigas Medievais de Amor e Amigo, e na própria expressão “poesia lírica”, que advém do uso do clássico instrumento musical utilizado para acompanhamento performático do texto poético. Para Moriconi (2002), é uma originalidade brasileira a forte ligação da canção popular com a literatura e o uso da primeira na educação escolar.

<sup>16</sup> Embora compreendamos o termo utilizado por Paz(1994), referindo-se a “desvio” como um papel diferente exercido pelo erotismo dentro do campo da sexualidade, cabe-nos ressaltar que essa é uma palavra muitas vezes relacionada a um sentido negativo, em nossa língua e seu uso.



criadores, estes os teriam dividido em duas metades, homem e mulher, e os condenado a viverem eternamente na busca de sua complementaridade. Assim nos fala Menezes (2007, p.564): “No arquétipo do amor romântico, duas almas se unem, dois pares, um masculino e outro feminino, para se complementarem na magnitude do amor que de dois se faz um só”. E ressalta, logo em seguida:

É característica do amor romântico o ideal de perfeição que promete a completude numa perfeita adequação mente e corpo. Esta crença que torna o grande amor como verdadeiro, vem da qualidade sagrada do mito que é dada pelos seres sobrenaturais, seus criadores (Menezes, 2007, p. 565).

O mito do amor romântico sustenta, há muito, parte significativa da narração literária do imaginário ocidental. Romances clássicos, como Tristão e Isolda, considerado a matriz das histórias de amor na literatura, e Romeu e Julieta, chegando a improvável história Rosálio e Irene, em *O Voo da Guará Vermelha*; a produção musical, desde os trovadores medievais, com suas cantigas de amor, até a contemporaneidade de Djavan e Maria Gadu. De acordo com Paz (1994), uma das primeiras aparições do amor, em seu sentido estrito, está no conto de Eros e Psiquê. O deus Eros apaixona-se por uma mortal, Psiquê. O texto de Apuleio busca abordar a questão da elevação da condição de mortalidade à imortalidade da alma (Psiquê), por meio do amor (Eros). Paz (1994) ressalta que não se trata de uma relação de mero desejo ou contemplação, mas de reciprocidade de amorosa, pois, diferente de outras relações entre deuses ou mesmo entre deuses e mortais, há, no caso de Eros e Psiquê, uma atração pela alma do(a) amado(a), atração que vai além dos aspectos relacionados à sensualidade. Essa visão do amor contribuiria fundamentalmente para a mudança da história espiritual do ocidente. Pontua Paz (1994), ao diferenciar as visões oriental e ocidental acerca do amor:

[...] o amor no Oriente foi vivido e pensado dentro da religião; pode ter sido um pecado, não uma heresia. No ocidente o amor desabrochou frente à religião, fora dela e até mesmo contra ela. O amor ocidental é o filho da filosofia e do sentimento poético que transfigura em imagem tudo o que toca. Por isso, para nós, o amor tem sido um *culto* (Paz, 1994, p. 40).

Nas tessituras sobre o amor, muitos teóricos buscaram construir, se não concepções, possibilidades de compreensão desse elemento intrínseco ao humano. Del Priori diz, por exemplo, que o amor:

[..] é como um choque violento, que eletriza, cega e encanta. Deixa-nos perdidos. E – tarde demais – perdidamente enrolados. O choque provoca reações em cascata: desejo ou paixão que se manifesta na impaciência dos olhos, do coração, de todo o corpo. [...]se traduz na descoberta de um ser que passa a ser o único bem, a pátria, enfim, o centro de tudo! (Del Priori, 2015, p. 12)

Sobre o amor, encontramos, em Menezes (2007), citando Platão, em O Banquete, o seguinte:

Mas eu, no entanto estou dizendo a respeito de todos os homens e mulheres, que é assim que nossa raça se tornaria feliz, se plenamente realizássemos o amor e o ser amado cada um encontrasse, tornando à sua primitiva natureza (Platão, 1997 apud Menezes, 2007, p. 561)

Tais passagens, no entanto, tratam do amor numa perspectiva ideal. Contemporaneamente, alguns autores contrapõem a essa visão uma perspectiva realista. Costa (1998), numa análise sobre esse enfrentamento, na qual compara as concepções realista e idealista do amor, traz texto de Hunt (1959), ferrenho crítico do idealismo amoroso:

O amor romântico pode não ser a última e a melhor maneira de escolher um parceiro, mas é a única que dispõe o homem moderno. [...] a despeito de suas tolices e desilusões, divórcios e infidelidades, todos supostamente tidos como consequências do amor romântico, sem ele, o homem e a mulher moderna não encontrariam um no outro aquela única, frágil e difícil mistura de protetor e protegido, pais e filhos, conforto e tentação, amigo e amante que é atualmente implícita na palavra marido e na palavra mulher (Hunt, 1959 apud Costa, 1998, p. 151).

Não obstante as considerações que se possam tecer sobre as venturas e desventuras das histórias/estórias de amor, de ontem e de hoje, bem como o debate entre idealistas e realistas sobre o tema, é certo que essa "busca pela outra metade" mostra-se indissociável de nossa existência de seres sociais. Neste jeito de ser humano, entre tantos os que "amam o amor", os poetas ocupam destacado espaço. Ao metaforizar a subjetividade do eu, aponta Moisés (2012), o poeta comunica o amor como arte. Por isso, "[o amor] é inexplicável e, portanto, inexprimível, salvo pela literatura ou pela poesia, cujo jogo retórico, metáforas e figuras de linguagem, nos falam de um amor, que se quer singular..." (Del Priori, 2015, p.12). Figuras de linguagem, especialmente a metáfora, a hipérbole e a personificação, são matéria substancial na obra de nosso autor, Nanado Alves, em suas composições, como veremos em seção mais à frente.

Tratemos, conseqüentemente, de dois aspectos inerentes à concepção de amor romântico: a paixão e a saudade! A primeira, que muitas vezes se confunde com a própria definição de amor romântico, dada a turbulência emocional e sexual, que a caracteriza, no tocante à ligação entre duas pessoas, surge quando se atribui ao objeto amoroso significado distinto e alta valorização de suas virtudes que, para o apaixonado, são únicas. Lino (2009), à luz da psicologia, define assim:

A paixão é caracterizada por um estado de prazer exacerbado, misturado com um intenso sofrimento por insatisfação, ansiedade, e necessidade de estar com a pessoa amada, por vezes com sinais psicossomáticos como febre, falta de apetite e irritabilidade, quando se é privado da pessoa amada (Lino, 2009, p. 3)

A paixão nasce, em geral, na fase inicial do amor, o encantamento. Geralmente associada ao sofrimento, dada sua etimologia, a paixão, para os poetas, é a propulsão de sua criação. “Ninguém tem nada de bom sem sofrer”, cantou Vinícius de Moraes, ou, como em Hegel, “nada de grande se faz sem paixão”. Para os gregos, a paixão era também uma virtude, porquanto ser um contínuo incentivo à sua inventividade e à sua capacidade de agir em desenvolvimento de seus afetos e suas emoções. No que concerne ao amor romântico e o seu modo de apresentar a paixão, citamos Lebrun (1987):

A paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso. Ela é então sinal de que eu vivo na dependência permanente do Outro.

[...]

‘Entendo por paixões’, diz Aristóteles na Retórica, ‘tudo o que faz variar os juízos, e de que se seguem sofrimento e prazer’ (Lebrun, 1987 *apud* Cardoso, 1987, p. 19).

Ocorre que, talvez infinito enquanto conceito ou construção social, o amor nem sempre – ou quase nunca – preserva essa característica de “eternidade” nas relações humanas. Infinito enquanto dure, versegou o Poetinha<sup>17</sup>. Relacionamentos começam e terminam. Paixões surgem e se esgarçam. O amor se encontra e se perde nos caminhos que aproximam e distanciam os amantes. E quando o amor já não está, deixa um de seus asseclas a ocupar o lugar, a saudade.

---

<sup>17</sup> Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes, nascido em 19/10/1913 e falecido em 09/07/1980, no Rio de Janeiro, mais conhecido com Vinícius de Moraes, foi um poeta, dramaturgo, jornalista, diplomata, cantor e compositor.

É lugar comum tratar da palavra *saudade* como uma ocorrência endêmica à língua portuguesa, considerado o significado que se nos apresenta para nós, seus falantes. Assim se expressa Bertini (2016), refletindo sobre o uso do vocábulo na tradução brasileira:

Somente a língua portuguesa conseguiu colocar, ao mesmo tempo, a força do coração e da memória na palavra *saudade*. O amálgama afetivo é o que mais a particulariza. Não constitui somente uma lembrança ou somente uma dor da ausência. São esses dois elementos juntos, interpostos, que sobrelevam uma compreensão apenas racional do vocábulo (Bertini, 2016, p. 1).

A *saudade* é, então, esse vazio repleto de significado. É o afeto que resta das emoções e experiências que marcaram e que já não permanecem como tais, mas apenas como parte do que o sujeito construiu sentimentalmente para si, pedaços de seu próprio ser.

Nesse constante tráfego entre o nascedouro do amor, pelo encantamento e a paixão, e o vazio deixado pelas ausências, que chamamos de *saudade*, não raramente caminha com os amantes um outro elemento da cena amorosa: a dor! Esta pode decorrer de várias circunstâncias, como a impossibilidade do ter/viver o amor pretendido, dando-se isto por variadas formas de interdição. Também pela perda da pessoa amada, seja porque esta tenha decidido por fim ao relacionamento, por ter deixado a vida, ou até mesmo pelo que Dante (1979) vai chamar de ingratidão. Aqui estendemos o conceito do autor, já que o mesmo afirma que só se pode falar em ingratidão quando há uma diferença significativa entre as partes, de ordem social, econômica, etc. Entendemos que se pode considerar a diferença também nos níveis de envolvimento e comprometimento com a relação, para atribuição do termo.

Nasio (2007) nos ajuda a conceituar esse componente do espectro amoroso, quando afirma:

De fato, quando paira a *ameaça* de perder um desses objetos considerados insubstituíveis, é a angústia que surge; e ela surge no eu. Se, em contrapartida, um desses objetos desaparece *subitamente*, sem ameaça prévia, é a dor que se impõe; e ela emana do isso. Sofrerei a dor no isso se perder brutalmente a pessoa amada (luto), o seu amar(abandono), o amor que dedico à imagem de mim mesmo (humilhação), ou ainda a integridade do meu corpo (mutilação) (Nasio, 2007, p. 51-52).

No caso da poesia, em nossa reflexão sobre a representação do amor e da saudade em nosso autor/compositor, valemo-nos mais uma vez de Nasio (2007), que trata das expressões da dor de amar no ser amante:

Os que sofrem porque perderam o ser amado experimentam uma dor atroz, que, no entanto, fazem questão de suportar. Querem sofrer porque sua dor é uma forma de homenagem ao morto, uma prova de amor. A dor é um gozo que é preciso esgotar, uma tensão que é preciso descarregar através dos gritos, das lágrimas e das contorções. Como se o ser dolorido exclamasse: “Deixem-me consumir a minha dor e me consumir na dor, pois é apenas na dor que consigo encontrar aquele que não existe mais!”(Nasio, 2007, p.89)

A psiquiatria trata, nesse texto, do luto pela morte, mas as dores de amor retratadas na poesia, em nosso objeto de estudo, as composições, estão carregadas das mesmas características: um sujeito que, perdido de seu objeto amoroso, quer perpetuá-lo em lágrimas e gritos transfigurados em versos. Isto é, vive um luto, uma vez que perdeu o objeto para o qual canalizava a sua energia psíquica e isso o desconcerta, de modo que a saída possível é cantar esse sofrer na tentativa, talvez, de mitigar a dor da perda de objeto tão precioso.

## 2 – “Sei rimar romã com travesseiro!”<sup>18</sup> – Analisando o *corpus*.

A estranheza causada pelo verso da canção da Legião Urbana<sup>19</sup> pode assustar, mas quisemos trazê-la para tentar ilustrar o desafio de amar, viver as paixões e poetizá-las. Talvez, até seja mais fácil cantar o amor e suas nuances do que explicitá-lo em teoria. Isto posto, iniciemos a tarefa de buscar analisar, ao longo desta seção, parte da produção de nosso autor/compositor. Partimos de **O Navegante**(2005). Este texto difere dos que seguirão, em sua forma. Trata-se de um soneto, forma fixa de catorze versos decassílabos, organizados em dois quartetos e dois tercetos, geralmente. É uma das formas mais clássicas de registro poético. De acordo com Moisés (2012), o soneto surge na idade média e perdura até os dias atuais, tendo sido adotado até mesmo por modernistas e outros defensores do verso livre. Ainda segundo Moisés (2012), seu nome é uma derivação do provençal *son*, correspondente

<sup>18</sup> Verso 13 da canção *Se fiquei esperando o meu amor passar*, da Legião Urbana.

<sup>19</sup> Banda de rock nacional de grande sucesso, surgida em Brasília-DF, entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, formada pelos músicos Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá, Renato Rocha e Renato Russo, cujas canções atravessaram os anos ainda arregimentando fãs, de todas as idades.

a *suono*, do italiano, cujo diminutivo é *soneto*, marcando sua ligação original com a música.

No cancionário popular brasileiro, em particular no nordestino, não é comum o registro musical de sonetos, embora seja uma forma muito presente entre os poetas mais importantes da região, como os já citados Diniz Vitorino e Jansen Filho, mesmo os de caráter popular. Citamos, aqui, dois casos de sonetos musicados pelo cearense Fagner<sup>20</sup>, ambos da poetisa portuguesa Florbela Espanca<sup>21</sup>: Chama quente (título atribuído quando da gravação) e Fanatismo. No caso do título em análise, também não há registro musicado, o que corrobora a força do soneto junto aos diversos ambientes de produção literária, cuja presença se faz notar até em compositores dedicados à música regional, provavelmente pela forma privilegiada como esta forma foi/é tratada socialmente, em especial no universo escolar. Igualmente aponta a diversidade e amplitude da atuação poética do autor em análise. Vejamos:

Amanhã cedo, assim que eu acordar  
Beijarei uma flor do meu jardim  
A pedirei a papai do céu, enfim  
Brisa mansa e ondas leves pro meu mar

Pra que eu possa tranquilo viajar  
Velejar pela minha alma inteira  
E quem sabe encontrar a feiticeira  
Que roubou-me o direito de sonhar

Mergulhado em mistérios intrigantes  
Tal qual fosse o maior dos navegantes  
Solitário e à deriva em mar profundo

Fugitivo de um grande desengano  
Vou buscar do outro lado do oceano  
Qualquer sobra de amor que houver no mundo

Navegar é preciso<sup>22</sup>, versou o gênio português Fernando Pessoa<sup>23</sup>. O eu-lírico se apresenta como um navegante, aquele que anseia pelo movimento do mar, pelo ir e vir das embarcações, por aventurar-se, por descobrir o novo ou retornar aos portos de antes, por conquistar. Navegar, aqui, é sinônimo de amar. Amar é preciso, é o

<sup>20</sup> Raimundo Fagner Cândido Lopes, cantor, compositor, músico e produtor cearense, nascido em 13 de outubro de 1949, no município de Icó;

<sup>21</sup> Flor Bela Lobo, automeada Florbela d'Alma da Conceição Espanca (1894 – 1930);

<sup>22</sup> Do poema homônimo, de Fernando Pessoa (Lisboa, 1914)

<sup>23</sup> Fernando Antonio Nogueira Pessoa, nascido em Lisboa, Portugal, em 13 de junho de 1888. Considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa, tem obra vasta e variada. Notabilizou-se também por seus heterônimos, muitos, dos quais os mais conhecidos são Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

próprio viver do navegante. Viajar é buscar a si mesmo – ou fugir de si mesmo – segundo Jung<sup>24</sup>, motivado por uma constante insatisfação, por uma perene necessidade de novas experiências, de novos horizontes. E o mar é um elemento que permite ao navegante esse buscar constante, insaciável.

O eu-lírico inicia marcando o tempo: “amanhã cedo, assim que eu acordar”. Podemos entender como uma referência ao despertar precoce de sua viagem amorosa. Comumente, é no despertar da juventude que surgem as primeiras paixões. É também na juventude que reside a maior energia, os maiores impulsos, o nascedouro dos sonhos. Mas também é possível compreender esse “amanhã cedo” como o surgimento de uma nova relação, de uma nova aventura amorosa. Despertado do sono e do sonho, parece que a vida (o mar) lhe impulsiona para uma nova experiência. É a indelével necessidade de amar, novamente, o fazendo recobrar a motivação de viver.

Desperto, o eu-lírico fala em “beijar uma flor” de seu jardim. Para além de um gesto que deixa denotada sua verve sentimental, sua sensibilidade, essa flor parece-nos representar uma coisa mais sublime para o poeta. Ao comparar sua amada a uma flor, o eu-lírico retoma a simbologia tratada por Chevalier (2023), que apresenta a flor como representação de perfeição acabada, vida, alma, coração. É um símbolo recorrente quanto se objetiva falar de amor, especialmente o amor romântico. A amada é, assim, a personificação do belo, da pureza.

Como um viajante clássico, busca as bênçãos da divindade, numa oração para que o amor não lhe seja hostil e nem causa de sofrimento. A “viagem” começa por sua própria alma, pela qual pretende “velejar”, na busca de sua musa que, tendo lhe tomado o coração, tirou seu elã, seu espírito aventureiro, roubou-lhe “o direito de sonhar”. Retido nesse “feitiço”, o eu-lírico parte em busca de compreender seus sentimentos, como os desbravadores do passado, sentindo-se, ao mesmo tempo, temeroso pelos “mistérios” e animado, como se fora um herói, “o maior dos navegantes”. E esta é uma viagem que se faz em si e por si mesmo, com a disposição de deixar a superfície e arriscar-se “solitário e à deriva”, na profundidade de seu eu poético.

Termina com a revelação de que é um “fugitivo de um grande desengano”, como quem vem de um sofrimento anterior, de uma desilusão com relação passada e

---

<sup>24</sup> Carl Gustav Jung, psiquiatra nascido em Kesswil, Suíça, em 1875. Fundador da escola de Psicologia Analítica, desenvolveu, entre outros conceitos, os de arquétipo e de inconsciente coletivo.

mal lograda As dores o haviam recolhido a um porto, marinheiro adoecido pelas mazelas de desilusões e desencontros, mas o mar de novo o chama e o impele a buscar, na distância ou “do outro lado do oceano”, uma outra aventura, uma outra paixão mesmo que esta seja “qualquer resto de amor”, qualquer oportunidade que a vida-mar lhe proporcionar, porque não lhe cabe outra forma de viver.

Na viagem, o eu-lírico encontra sua “feiticeira”. Ela surge como inspiração para **Aroma de Mel (2012):**

Quando você bateu na minha porta  
Tanta coisa que era torta  
Se aprumou de vez  
Morreu toda tristeza que eu tinha  
Quem me vê nem adivinha  
Todo bem que esse amor me fez

O coração só quer mais uma chance  
E um pedaço de romance  
É o ideal pra se recomeçar  
Precisa tão somente de um cantinho  
Certamente um bom carinho  
E o capricho de quem sabe amar

Gostei de dividir tudo contigo  
Meu espaço, meu abrigo,  
Te levar seja pra onde for  
Porque, quando o chamego é verdadeiro,  
Tome abraço, é tanto cheiro  
Cabe colo e ainda sobra amor

E quando a noite chega  
De frio eu não morro, pois sobra lençol,  
Teu rosto quem filma é o brilho do sol  
Pela manhãzinha na brecha da telha

E acordar assim  
Vale qualquer preço que o amor cobrar  
E a soma de tudo é prazer de provar  
Teu beijo com aroma de mel de abelha

Outra vez, o amor se faz presente na vida do eu-lírico. É a musa que “bate à sua porta” e “apruma” a vida do amante. É a figura do novo amor como um bálsamo, como remédio para as dores de paixões antigas e para o cansaço da viagem, remissão para os pecados de outrora. Aquela busca eterna, castigo dos deuses, pela parte que falta ao amante, logra êxito. A musa, a mulher, o feminino como elemento indispensável à completude daquele que ama. A nova chance é referência à busca da canção anterior. Apresenta-se como “um pedaço de romance”, semente, que na sua pequenez, há de vingar e fazer de novo florescer a vida no poeta. Crescerá no regar



do cuidado amoroso diário. É, como parecem ser todas as paixões começadas, uma plenitude, porque carinhosa e cúmplice, tanto que, sendo um “chamego verdadeiro”, enche a alma e transborda, satisfaz e “ainda sobra amor”.

Presente na primeira composição na imagem da flor, o erotismo se faz marca recorrente nos versos finais. O “calor” da paixão alimenta corpo e alma do poeta, é como um “lençol” que permite aos amantes se manterem aquecidos. A figura do sol, representação comum de força e divindade, para iluminar e garantir o melhor gozo de contemplação do corpo da amada, pelas “brechas da telha”, cobertura que oculta do mundo a aventura amorosa. O sol é o princípio masculino que penetra os domínios do feminino, acentuando-se, assim, o caráter erótico da composição.

O último quarteto é uma exaltação ao valor de poder viver esse romance. Nada se mostra mais importante na vida do eu-lírico do que essa paixão. Por ela, paga-se “todo preço que o amor cobrar”, porque a amada tem a perfeição, o gosto e o cheiro do “mel de abelha”, numa metáfora a um dos elementos mais puros e completos da natureza. O mel é, em muitas culturas e expressões religiosas, constantemente associado à doçura, aos processos de cura, de renascimento, uma dádiva divina, conforme tratam Azevedo e Zanotto (2023), a partir da leitura de Gheldof; Wang; Engeseth (2002). O amor, agora satisfeito, enche dos mais variados e positivos sentidos, a vida do poeta.

Nessa eterna viagem pelo mar do amor, para além de todas as dores das partidas anteriores, dos limites a transpor, das interdições de toda sorte, alimenta-se o eu-lírico do gozo das suas paixões. Cuidemos agora de navegar pela letra de **Fulô de Chêro** (2005):

Fulô de chêro  
Véu de um amor de verdade  
Felicidade é ter você pra “mim” cheirar  
Boca pequena, carrossel de vaidade  
Volto mais tarde pra poder nós namorar

Seja sabida apague a luz do candeeiro  
E vá de fino pro terreiro  
Nós vamos fugir de lá  
Passei a tarde me escondendo no asseiro  
Preparando um mundo inteiro  
De poesia pra te dar

Me traga um manto pra eu forrar na camarinha  
E uma roupa bonitinha  
Pra eu ter gosto de tirar  
Pensando nisso eu quase endoido o dia inteiro

Se encoste no juazeiro  
E deixe a lua nos olhar

Sol já saiu  
Levanta e vai que eu tô com medo  
Valha-me deus se mãe souber casa caiu  
Se avexe não, tá guardadinho nosso segredo  
Somente alua é testemunha do que viu.

Principiemos pela expressão “fulô”. Essa forma variante da palavra *flor*, tão comum na fala nordestina, é quase sempre utilizada como uma referência carinhosa e delicada em relação à pessoa amada. E trata-se de uma “fulô de chêro”. O eu-lírico destaca o cheiro, o perfume de sua amada. O olfato é reconhecidamente um dos primeiros sentidos ativados pelo organismo. Um bom cheiro atiça os outros sentidos. Aqui, o cheiro da “fulô” alimenta a libido do eu-lírico. Poder cheirar a fulô/amada é motivo de felicidade. O eu-lírico dá destaque também à boca de sua amada. Recorrente símbolo erótico, no universo das relações amorosas, a boca é o poço das palavras apaixonadas, depositário dos sabores, porta de entrada de contatos íntimos. O eu-lírico compara a boca de sua amada a um carrossel. A imagem de um brinquedo ornado e animado, que gira e oferece muitas possibilidades de interação e diversão, de prazer enfim. Lugar onde amada e o amante podem extravasar as suas vaidades. Essa conexão entre os sentidos potencializa o apelo erótico dos versos da canção.

No entanto, a canção traz o elemento da interdição na relação amorosa. Tratemos, pois, desse amor proibido. O eu-lírico diz à sua amada que “volta mais tarde”, provavelmente à noite, elemento temporal representativo das coisas mais ocultas. A amada deve usar de esperteza e sair sem ser notada, apagar a luz e ocultar-se no terreiro, facilitando a fuga. Isso denota que há uma interdição aqui. Confessa o eu-lírico que passou dia a ocupar-se desse plano e conta com a colaboração de sua amada para uma noite de poesia e prazeres. O erotismo volta a figurar com “o gosto de tirar” a roupa da amada e ali, sobre um lençol que esta trouxera na fuga, com ela gozar da magia de fazer amor à luz da lua. O nascer do dia desperta os amantes que, assustados, mas felizes, temem ser descobertos pela família da amada. Despedem-se satisfeitos pela noite de prazer e compromissados com o segredo desse romance apaixonado e proibido. A acentuação do erotismo, nesta composição, marca a recorrência ao ideal de amor realizado e à satisfação do desejo sexual.

Porém, como vimos nos postulados teóricos, nem sempre o amor se realiza em plenitude, assim como não traz no seu bojo a garantia de infinitude. As relações

acabam, os amores se vão, os laços se partem. É quando a dor e a saudade invadem a alma do poeta. Vejamos o que se dá em **Encontro a três** (1996):

Falta você pra me fazer sorrir  
 Ai que saudade desse amor  
 Meu bem querer o que vai ser de mim  
 Eu me perdi no corredor  
 Aquele beijo doce virou sal na minha vida  
 Se um passarinho eu fosse, meu amor  
 Eu morreria na tua bebida

E a tua chegada  
 Alegria toda minha alma  
 Eu me deixaria  
 Adormecer no véu da tua calma

Meu coração só precisa de um carinho  
 Não suporta mais espinho  
 Precisa de uma flor  
 Pra te encontrar  
 Vou além desse caminho  
 Só pra ver tudo juntinho  
 Eu, você e o amor!

O eu-lírico está sozinho. Mais uma vez incompleto. Sem a sua amada, faltam-lhe os motivos de alegria e satisfação. Aquele navegante, que antes encontrara mares tranquilos e portos seguros, agora vê-se perdido em mar revolto. Não sabe para onde sopram os ventos nem que destino terá seu navio. O sal, elemento simbólico do mar e das lágrimas, substitui a doçura da boca da amada. O carrossel de vaidades e de desejos já não gira. Sedento do amor de sua musa, o eu-lírico compara-se a um passarinho que, como é comum nas secas desses nossos sertões, anseia por uma poça ou “bebida”, como chama o sertanejo. Mas não quer sair à procura de qualquer água. Como os pássaros se arriscam em ficar na mira dos caçadores, dada a escassez de lugares para saciarem a sede, o eu-lírico assume o risco de morrer aguardando o retorno de sua amada.

O desejo de reencontro alimenta a esperança de cura no eu-lírico. Ter de volta sua amada renovaria a alegria e o faria mais uma vez repousar. Mais uma vez, o coração necessita de muito pouco, contenta-se com um carinho ou um afago. Grita a dor dos espinhos de saudade que lhe perfuram o sentimento. Volta a imagem da flor, como elemento representativo da delicadeza e da perfeição femininas. Pode também figurar a flor como símbolo erótico, pelo aguçamento dos sentidos de tato e olfato, na maciez da pétala e no perfume, ou mesmo pela representação das partes íntimas da amada, lugar do prazer a dois. O eu-lírico conclui com a disposição de rumar a

qualquer custo em direção à sua amada, para que possam outra vez estar completos, plenos de alegria e gozo, unidos de uma forma que só o amor é capaz de proporcionar.

Uma das formas de se representar que o eu-lírico utiliza na canção que analisamos acima é a figura do passarinho. Este é um elemento que, em geral, representa leveza, liberdade, beleza e encantamento. **Um passarinho** (1995) é o título da canção que analisaremos agora:

Um passarinho aqui pousou  
Aliviou a solidão  
Depois fugiu deixou saudade  
Essa cidade nesse escuro  
Essa mentira, esse muro  
Essa barreira entre a verdade

Chegou e revirou meu ninho  
Me deixou em desalinho  
Aprontou com meu coração  
Fiquei sozinho nessa história  
Sem ter dia, sem ter hora  
Pra acabar com a solidão

Eu vou sair  
Eu vou buscar, lhe encontrar  
Fazer você me acompanhar  
Voar de novo em seu prazer  
Vou me prender  
Em suas asas dar um nó  
Pra nunca mais eu ficar só  
No seu lençol adormecer

Nesta composição, é a amada que aparece representada em um pássaro. O amor que trouxera alívio à solidão do eu-lírico, deixa a saudade recorrente, como legado de sua passagem. Aparece nesta nossa análise, pela primeira vez, um elemento urbano, uma referência à cidade. Pode nos trazer a conotação de uma vida menos bucólica, mais interativa e socializada. No entanto, embora num ambiente que abre a possibilidade de muitas e variadas relações sociais, a ausência da amada faz a cidade se apagar, num escuro de alma que esconde a vida dos olhos do poeta.

Surgem também elementos que podemos ligar ao conceito de ingratidão, recuperando Dante(1979): muro, representando divisão/separação/distanciamento; mentira, como referência a um comportamento enganoso por parte de amada. A ingratidão, aqui, está configurada no desnível de comprometimento amoroso da amada e no rompimento unilateral do relacionamento. Os três primeiros versos da segunda estrofe confirmam o argumento anterior ao descreverem como a chegada e

os atos de sua musa transformaram a vida em um sem fim de desordem e tristeza. Os três últimos versos retratam a solidão e o desamparo do eu-lírico, que reclama de perder-se em divagações.

No entanto, há disposição para tentar salvar esse amor. A última estrofe é um manifesto explícito da sua vontade de lutar para reencontrar a sua amada e fazê-la seguir com ele nessa nova viagem a dois. Deseja os prazeres da amada como inspiração para seu voo. Para isso, se agarrará às asas da amada, aqui sinônimo de liberdade e independência, como quem troca a própria liberdade pela alegria de estar junto de seu amor. O lençol, que aqui parece representar a segurança e o conforto, abrigará mais uma vez o sono dos amantes.

Na sequência de sua saga, o eu-lírico, como quem suspira, diz: **Deixe que a vida dirá** (2014):

É só seguir teu cheiro que eu descubro  
 Bem ligeiro onde você passou  
 Não se apagam marcas facilmente  
 Pra quem sente, sabes como eu sou

A sombra da saudade me persegue  
 E a gente sempre segue o cheiro teu  
 Não tome outro caminho  
 E dê a outro esse carinho que me prometeu

Na vida só tem duas saídas  
 É amar ou desamar alguém  
 Pra gente ter direito  
 Não existe outro jeito quer ou não quer bem

Eu sempre me pergunto todo dia  
 Se algum dia já fui seu amor  
 Não caio em sua rede  
 Por maior que seja a sede a água é sem sabor

Deixe que a vida dirá  
 O que será de nós dois  
 Se me procurar depois  
 Talvez nem possa me encontrar

Quando a saudade passar  
 E eu me sentir mais feliz  
 Pronto pra amar e se alguém me perguntar  
 Respondo: foi você quem quis.

A memória dos encantos da amada é presença viva na alma do eu-lírico, nos primeiros versos da canção. O cheiro, que aqui é comparado a rastros deixados por aquela que se foi, elemento que antes atiçava os sentidos mais amorosos e sexuais, agora é um símbolo das marcas doloridas e dolorosas de sua ausência. E o coração

do eu-lírico está tão amargurado, que ele assume, nos versos três e quatro, que não esquecerá facilmente as atitudes e o desamor de sua musa.

A segunda estrofe se assenta na máxima da reciprocidade. Não há alegria em amar sem ser amado. É preciso dar para receber a plenitude da felicidade o amor. Por essa razão, o eu-lírico se pergunta, na estrofe seguinte, dado o seu sofrimento, se a amada de fato tinha por ele um sentimento verdadeiro, se ele, “algum dia já foi seu amor”. Convencido que de a relação dos dois não tem mais razão de existir, se mostra indisponível à novas tentativas. Por mais desejoso, por mais saudoso que esteja dos prazeres de sua amada, reconhece que o sabor daquele amor intenso, não existe mais, transmutou-se numa existência insípida.

Os versos seguintes expõem a decisão do eu-lírico de deixar a vida seguir seu curso, de se entregar, como aquele navegante do início, ao sabor do mar, e, quem sabe, encontrar novos portos nessa aventura. Quanto à amada, também deve seguir o caminho que escolheu. Não há promessa de esperas nem de buscas. Não se vislumbram nas palavras, novas possibilidades para os dois.

A estrofe final recorre à imagem de um eu-lírico recolhido em sua saudade. Vivendo o luto. Curando as feridas. Ao mesmo tempo, sua alma se reconforta na certeza da que a saudade da amada será, um dia, apenas uma lembrança e ele estará, de novo, pronto, velas içadas e a perene disposição para amar, um coração que só encontra sentido no viver do amor. Mas finaliza com o registro de que o fim daquela jornada de agora, não foi fruto de sua vontade, mas da amada que o deixou.

Até aqui, parece-nos que durante toda essa jornada em busca da realização do amor, o eu-lírico se entrega à sua amada sem medida. Tenta viver a plenitude dos sentimentos e prazeres, sempre deixando que sua musa guie os passos da relação. Com isso, o gozo e a felicidade plena dos primeiros portos vão, pouco a pouco, dando lugar à ingratidão, ao desengano, que deixam dor e saudade pelo caminho. Nessa próxima canção, o poeta decide alterar o comando de seu leme.

#### **DO MEU JEITO (2010)**

Parei pra analisar  
 Não vou continuar  
 Seguindo a mesma estrada  
 Procuro aonde errei  
 Saber onde eu pequei  
 Pra tudo dar em nada  
 As pedras no caminho  
 De quem vai sozinho

Surgem com os instantes  
 Tá tudo bem pra mim  
 Acho melhor assim  
 Que viver como antes

Apostei na paixão  
 Doei meu coração  
 Amei sem brincadeira  
 Pensando em ser feliz  
 Vivendo por um triz  
 Cansei de tal maneira  
 É hora da verdade  
 E seu eu deixar saudade  
 Procure outro peito  
 Não somos mais a gente  
 Então, daqui pra frente,  
 Vai ser do meu jeito.

Eu vou correr o mundo  
 Feito um vagabundo  
 Não vou me apegar a mais ninguém  
 Preencho os meus espaços  
 Dentro dos abraços  
 Do chamego de quem me quer bem  
 Se ainda for preciso  
 Ocupo o meu juízo  
 A me dar mais um tempo pra sonhar  
 Acho que o amor é cego  
 E se eu achar me entrego  
 Para quem souber me amar

Outra vez sozinho, o eu-lírico dedica-se a uma reflexão sobre si mesmo. Nos seis primeiros versos da primeira estrofe, questiona-se sobre erros e acertos de sua jornada pelo mar do amor. Compreende que precisa de novas formas de navegar. A segunda parte da estrofe, mais seis versos, apresentam a disposição do eu-lírico em seguir sozinho. O novo caminho também terá suas “pedras”, mas estas não serão constantes e mais fáceis de transpor. É uma confirmação de seu compromisso mostrado na canção anterior. O eu-lírico está cansado e sofrido com as decepções amorosas. Segundo ele, levou a sério suas histórias de amor e não fora correspondido. A dor de amar lhe tirou as forças. A saudade da amada lhe custou a alegria. Cansou de correr os riscos de amar sem medida, diz nos versos quinze e dezesseis. Sua verdade agora é outra. A partir de agora, é ele quem vai deixar saudades. Quem sentir sua falta, que procure consolo em outros corações. A recorrência dos amores não realizados é questão substancial desta composição.

Seu navegar agora é de porto em porto. Seu coração buscará apenas os prazeres breves e descompromissados. Quem lhe mostrar sinais de bem-querer, encontrará disposição para o gozo temporário e os afetos efêmeros. No entanto, nos

veros finais, o espírito do eterno amante se recorda de que o amor não funciona segundo nossas leis racionais, respeitando nossas escolhas. “O amor é cego” e pode fazer esse poeta viajante encontrar alguém que, mais uma vez, o faça se entregar.

Por fim, analisemos a composição que dá título a esse trabalho, **Punhal de Prata** (2005). Trabalho distinto dos demais analisados até aqui, posto que as composições anteriores são todas xotes<sup>25</sup>, esta canção remete a uma balada ou mesmo uma romani<sup>26</sup>, marcada pela forte presença da batida do violão e de variados instrumentos percussivos. É, seguramente, um registro poético da dicotomia imanente do eu-lírico navegante: ficar ou partir, aventurar-se ou não, embarcar em busca de novo amor ou viver a aridez da solidão.

Se eu voar  
Asas que levam não me trarão  
Junto ao eco triste do cantar  
Quase inoportuno do pavão

Se eu ficar  
Lábios meus beijos não ganharão  
Viveram somente pra chamar  
Por quem nunca lhes atenderão

E a sede mata  
Quem mais sente sede  
Punhal de prata  
Crava na parede do meu coração  
E eu morro no adeus

Se eu fizer  
Tudo que é preciso a gente tem  
Um milhão de flores pra plantar  
No jardim do coração de alguém

Basta só saber que a poesia  
Quando encontra a melodia  
Se alinha e dá namoro

Não vou procurar milhões de estrelas  
Se te olhando posso vê-las  
Faiscando nesse choro (de adeus)

Já no título da canção, o eu-lírico traz o encontro de dois elementos simbólicos bastante significativos. Primeiro a figura do punhal, instrumento perfuro-cortante,

---

<sup>25</sup> Trata-se de um dos ritmos que compõem o elemento cultural que se convencionou chamar de Forró, junto com o baião, o xaxado, a marcha, o maxixe, entre outros. É um ritmo dançante executado, geralmente, por um trio (sanfona, zabumba e triângulo) ou uma banda. Presente o ano inteiro, é mais comum durante os festejos juninos em todo o nordeste do Brasil. Tem uma variação também muito comum na região sul.

<sup>26</sup> Um dos termos utilizados para designar a música cigana.



bastante utilizado, desde os tempos mais remotos, principalmente antes do surgimento das armas de fogo, por cavaleiros, caçadores, soldados e uma larga gama de personagens, reais e/ou fictícios. Embora se assemelhe, o punhal difere-se da faca em muitos aspectos, o principal deles é que possui os dois lados cortantes, enquanto a faca só um. Tratando da simbologia do punhal, Vieira (2022) ressalta que, ao passo que a faca corta, separa, o punhal planta, encrava na carne. Apresenta-se, portanto, tal arma, como sendo mais contundente, mais eficiente, mais letal e, por isso, objeto muito presente em histórias cujo enredo envolve crimes passionais, como se punhal, amor e sofrimento compusessem um trio inseparável. O segundo elemento é o material de que é feito o punhal: a prata. Metal nobre, muito cobiçado, destacadamente na época da colonização da América, por sua pureza, resistência, seu caráter de metal inoxidável, a prata traz também forte referencial mitológico. De acordo com Souza (2022), tanto na mitologia grega, quanto na romana, este elemento está associado à figura da Lua e/ou a água, como representação do feminino, porquanto símbolo de sabedoria divina, limpidez, transparência, em oposição ao amarelo do sol, figura representativa do masculino. O mesmo autor, citando Forbes (1950), ainda aponta que as armas flechas forjadas em prata não falham em matar e não há, mitologicamente, encantamentos contra elas.

Na primeira estrofe, o eu-lírico reflete sobre a possibilidade de partir em busca de um amor, não deixando claro, a princípio, se novo ou ressurgido. “Se eu voar/ asas que me levam não me trarão”, nesses primeiros versos, junto à simbologia do voo, com sentido de aventura, de risco, mas também de liberdade, o eu-lírico traz o elemento “asas”, instrumental que permite fisicamente às aves e aeronaves, praticar o voo. Elemento também mitológico e onírico, aparece no mito de Hermes<sup>27</sup>, que tinha os pés alados, e no de Ícaro<sup>28</sup>. Na composição, o elemento asa figura como o impulso inicial do poeta para essa nova aventura romântica, mas o autor mostra consciência que o impulso que leva o amante não se fará presente para trazê-lo de volta dessa aventura, caso interrompida ou fracassada.

Como Ícaro, que perde as asas feitas por seu pai, por aproximar-se muito do sol, a ponto de derreter a cera que colava as penas, e termina por se afogar, tendo

---

<sup>27</sup> Deus grego considerado o mensageiro do Olimpo e responsável também por encaminhar as almas dos mortos até o rio que os levava até o submundo.

<sup>28</sup> Personagem da Ilha de Creta, que conseguiu fugir do labirinto, carregando seu pai, Dédalo, que fez para o filho asas com penas de gaivotas e as colou com cera de abelha.

caído ao mar, também o eu-lírico vislumbra o risco de sofrer dura pena, com o fracasso dessa relação que se apresenta. Nos versos seguintes, “junto ao eco triste do cantar/ quase inoportuno de um pavão”, o eu-lírico traz um elemento de positividade. Embora o “canto do pavão” seja melodicamente triste ou “feio”, é popularmente associado a bons presságios, pois a ave figura como um símbolo de renascimento e o encantamento por sua beleza supera a tristeza de seu canto. Em meio à dúvida da partida, a crença romântica de que a relação pode dar certo, simbolizada na positividade da imagem do pavão.

A estrofe seguinte traz a segunda possibilidade para o eu-lírico: não se aventurar. “lábios meus beijos não ganharão”: o amante sabe que optar pela tranquilidade de não partir o deixará impedido de gozar do prazer desse amor. O beijo é mais que um gesto físico, é um símbolo de intimidade, de conexão, é um elemento erótico bastante significativo para o amor romântico. Se não se aventura, o amante terá os lábios apenas para chamar por sua amada e cantar o desejo e as desventuras de um amor não vivido. E a figura dos lábios, agentes do beijo, estão implícitos nos versos seguintes, “a sede mata/ quem mais sente sede”, pois é próprio dos sedentos buscar frescor para seus lábios. Essa sede do eu-lírico, metáfora de sonho, de desejo, se não saciada, pode levá-lo à morte. Nos últimos versos da estrofe, retorna a figura do punhal de prata, cravado na parede do coração do poeta, pelo adeus de sua amada. Como vimos, é uma arma contundente, precisa, letal.

As duas próximas estrofes trazem uma constatação importante do eu-lírico. Para que uma relação possa se realizar em plenitude, é preciso que os amantes cuidem de suas ações em benefício desse amor. Podemos entender o elemento “jardim” como metáfora para relação amorosa, lugar de se plantar as flores que vão enfeitar esses corações apaixonados. As flores aqui são importantes, porque simbolizam, além da beleza, num sentido mais filosófico, também a delicadeza e a fragilidade sempre presentes num contexto de amor romântico. O eu-lírico, então, traz dois elementos próprios de seu ofício de compositor, letra e melodia, como que a representar os dois amantes da relação. A poesia certa com a melodia adequada é como duas pessoas que se dispõem a uma união afetiva que, enquanto harmoniosa, existe como música. O prazer da fruição estética de uma canção compara-se, aqui, ao êxtase do gozo erótico e romântico da relação a dois.

Na última estrofe, o eu-lírico deixa mais uma vez premente o temor de uma despedida. As estrelas, que sempre ajudaram os navegantes a encontrarem seus

destinos, e que embelezam os céus a noite, como os olhos de sua amada enfeitam sua vida, agora aparecem metaforizadas nas lágrimas que lhe caem dos olhos, “faiscando nesse choro de adeus”.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de valorização da produção literária local, propusemo-nos a analisar um recorte da obra do compositor monteirense Nanado Alves. Do universo de mais de quinhentas canções, selecionamos para nosso *corpus* oito trabalhos do artista e pudemos perceber a recorrência dos temas *viagem(mar)*, *paixão*, *saudade* que são subtemas em relação ao tema maior das composições: a *dor de amar*. Esta, embora perene na vida do eu-lírico, não aparece como elemento de desestímulo, da fuga de viver os caminhos e descaminhos do amor. Além disso, percebemos, no *corpus* selecionado, a presença do feminino na figura da mulher amada/desejada como musa inspiradora, sonho e devoção do eu-lírico, assim como o lirismo como veio principal da correnteza de versos do compositor e certo erotismo registrado na sutileza de muitos dos versos analisados, pela presença de símbolos universais do desejo e da sexualidade.

Em face da análise realizada, considerando os conceitos teóricos que a embasaram e as percepções oriundas do contato mais íntimo e constante com o *corpus*, entendemos que a produção lítero-musical do compositor Nanado Alves se encontra situada no universo literário reconhecido como Romântico, cujas premissas continuam a povoar mentes e corações de homens e mulheres, das mais diversas classes sociais, formas de vida e lugares do mundo, mesmo numa sociedade dominada pelo individualismo, a liquidez das relações e a apologia à efemeridade dos sentimentos.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTINI, Fátima Maria Araújo. **O conceito de saudade(*desiderium*): a pertinência de uma tradução**. Redenção, 2016. Disponível em [Microsoft Word - Fátima.docx \(units.it\)](#). Acesso em 15 de janeiro de 2024.

CARDOSO, Sérgio *et al.* **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas figuras, cores, números**. 38ª edição – Rio de Janeiro: José Olímpio, 2023.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem Fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DEL PRIORI, Mary. **A história do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

LEITE, Dante Moreira. **O amor romântico e outros temas**. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

LINO, Tiago Lopes. **A patologia do amor – da paixão a psicopatologia**. Lisboa-PT, 2009. Disponível em [TL0146.pdf \(psicologia.pt\)](#). Acesso em 20 de fevereiro de 2024.

MENEZES, M. C. de. O Mito do Amor Romântico. **Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, Goiânia, Brasil, v. 17, n. 3, p. 559–572, 2008. Disponível em <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/344>. Acesso em 30 de março de 2024.

MOISÉS, Massoud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2012.

MOISÉS, Massoud. **A criação literária: poesia e prosa**. São Paulo: Cultrix, 2012.

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. São Paulo: Ed. Obejtiva, 2002.

NASIO, Juan-David. **A dor de amar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

Paz, Octávio. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1994.

SOUZA, Leandro Santos. **A simbologia dos metais e o universo do herói: um estudo sobre o escudo de Aquíles e o mito das raças**. João Pessoa, 2021. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24228>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

VIEIRA, André Luiz. **Escrever com um punhal plantado na garganta: uma leitura de *Anima*, DE Wajdi Mouwad**. Niterói, 2022. Disponível em [Cópia de Tese Completa- André Luiz Vieira.pdf \(uff.br\)](#). Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

## APÊNDICES

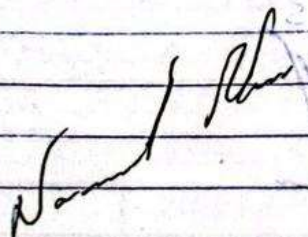
O NAVEGANTE

17/02/05

AMANHÃ CÉDO  
 ASSIM QUE EU ACORDAR  
 BEISAREI UMA FLOR DO MEU JARDIM  
 E PEDIREI A PAZ DO CÉU ENFIM  
 BRISA MANSA E ONDAS LEVES PRO MEU MAR  
 PRA QUE EU POSSA TRANQUILO NAVEGAR  
 VAZESAR PELA MINHA ALMA INTEIRA  
 E QUEM SABE ENCONTRAR A FEITICEIRA  
 QUE ROUBOU-ME O DIREITO DE SONHAR

MERGULHADO EM MISTÉRIOS INTRIGANTES  
 TAL QUAL FOSSE O MAIOR DOS NAVEGANTES  
 SOLITARIO E A DERIVA, EM MAR PROFUNDO

FUGITIVO DE UM GRANDE DESENGANO  
 VOU BUSCAR DO OUTRO LADO DO OCEANO  
 QUALQUER SOBRA DE AMOR QUE HOVER NO MUNDO


 17/02/05

Nome do Livro

DESTAQUE

## AROMA DE MEL

□□□

QUANDO VOCÊ BATEU NA MINHA PORTA  
TANTA COISA QUE ERA TORTA  
SE APRUMOU DE VEZ  
MORREU TODA TRISTEZA QUE EU TINHA  
NEM ME VER NEM A DIVINHA  
TODO BEM QUE ESSE AMOR ME FEZ

O CORAÇÃO SÓ QUER MAIS UMA CHANCE  
É UM PEDACINHO DE ROMANCE  
É O IDEAL PRA SE RECOMEÇAR  
PRECISA TÃO SOMENTE DE UM CAMINHO  
CLARAMENTE UM BOM CARINHO  
E O CAPRICHADO DE QUEM SABE AMAR

GOSTEI DE DIVIDIR TUDO CONTIGO  
MEU ~~ESPAÇO~~ <sup>ESPAÇO</sup>, MEU ABRIGO  
TE LEVAR SEJA PRA ONDE FOR  
PORQUE QUANDO O CHAMEGO É VERDADEIRO  
TOME ABRAÇO É TANTO CHEIRO  
CAIBE COLO E AINDA SOBRA AMOR

E QUANDO A NOITE CHEGAR  
DE FRIO EU NÃO MORRO POIS SOBRA LENÇOL  
TEU ROSTO QUEM FILMA É O BRILHO DO SOL  
PELA MANHÃZINHA DA BRECHA DA TELHA

E ACORDAR ASSIM  
VALE QUALQUER PREÇO QUE O AMOR COBRAR  
E A SOMA DE TUDO É O PRAZER DE PROVAR  
TEU BEIJO COM AROMA DE MEL DE ABELHA

# FULÔ DE CHÉRO

10/03/05

FULÔ DE CHÉRO

VÊU DE UM AMOR DE VERDADE

FELICIDADE É TER VOCÊ PRA ME CHEIRAR

BOCA PEQUENA CARROSEL DE VAIDADE

VOLTO MAIS TARDE PRA PODER NÓS NAMORAR

SESA SABIDA APAGUE A LUZ DO CANDIEIRO

E VÁ DA FINO PRO TERREIRO

NÓS VAMOS FUGIR DE LÁ

PASSEI A TARDE ME ESCONDENDO NO ACEIRO

PREPARANDO UM MUNDO INTEIRO

DE POESIA PRA TE DAIR

ME TRAGA UM MANTO

PRA EU FORRAR NA CAMARINHA

E UMA ROUPA BONITINHA

PRA EU GOSTO DE TIRAR

PENSANDO NISSO ~~EU QUASE ENDOIDO~~ O DIA INTEIRO

SE ENCOSTE NO SUAZIRO

E DEIXE A LUA NOS OLHAR

SOL SÁ SAIU

LEVANTA E VAI QUE EU TÔ COM MEDO

TAHA-ME DEUS SE MÃE SOUBER CASA CAIU

E A VECE NÃO TA GUARDADINHO NOSSO SEGREDO

SOMENTE A LUA É TESTEMUNHA DO QUE VIU.

Nam / M.



**" Encontro a três "**  
**Ilmar Cavalcante/Nanado Alves**

Falta pra me fazer sorrir  
Ai que saudade desse amor  
Meu bem querer o que vai ser de mim  
Eu me perdi no corredor  
Aquele beijo doce virou sal na minha vida  
Se um passarinho eu fosse meu amor  
Eu morreria na tua bebida

bis

E a tua chegada alegraria toda minha alma  
Eu me deixaria adormecer no véu da tua calma

Meu coração só precisa de carinho  
Não suporta mais espinho  
Necessita de uma flor  
Pra te encontrar  
Vou além desse caminho  
Só pra ver tudo juntinho  
Eu você e o amor

## UM PASSARINHO

UM PASSARINHO  
AQUI POUSOU, ALIVIOU A SOLIDÃO  
DEPOIS FUGIU DEIXOU SAUDADE  
ESSA CIDADE NESSE ESCURO  
ESSA MENTIRA, ESSE MURO  
ESSA BARREIRA, ENTRE A VERDADE

CHEGOU E REVIROU SEU NINHO  
ME DEIXOU EM DESALINHO  
APRONTOU COM O MEU CORAÇÃO  
FIQUEI SOZINHO NESSA HISTÓRIA  
SEM TER DIA, SEM TER HORA  
PRA ACABAR COM A SOLIDÃO

EU VOU SAIR  
EU VOU BUSCAR LHE ENCONTRAR  
FAZER VOÇÊ ME ACOMPANHAR  
VOAR DE NOVO EM SEU PRAZER

VOU LHE PRENDER  
EM SUAS ASAS DAR UM NÓ  
PRA NUNCA MAIS EU FICAR SÓ  
NO SEU LENÇOL ADORMECER

**NANADO ALVES**  
**ILMAR CAVALCANTE**

25/04/14

DEIXE QUE A VIDA DIRA

É SÓ SEGUIR TEU CHEIRO QUE EU DESCOBRO  
BEM LIGEIRO ONDE VOCÊ PASSOU  
NÃO SE APAGAM RASTROS FACILMENTE  
POIS NEM TENTES SAIBES COMO EU SOU

A SOMBRA DA SAUDADE ME PERSEGUE  
E AGENTE SEMPRE SEGUE O CHEIRO SEU  
NÃO TOME OUTRO CAMINHO  
E DÊ A OUTRO ESSE CARINHO QUE ME PROMETE

NA VIDA DÓ SE TEM DUAS SAÍDAS  
É AMAR OU DESAMAR ALGUÉM  
PRA GENTE TER DIREITO  
NÃO EXISTE OUTRO JEITO QUERER OU NÃO QUERER BEM

EU SEMPRE ME PERGUNTO TODO DIA  
SE ALGUM DIA SÁ FUI SEU AMOR  
NÃO CAIO EM SUA REDE  
POR MAIOR QUE SEJA A SEDE A ÁGUA É SEM SAZOR

DEIXE QUE A VIDA DIRA  
O QUE SERÁ DE NÓS DOIS  
SE ME PROCURAR DEPOIS  
TALVEZ NEM POSSA ME ENCONTRAR

QUANDO A SAUDADE PASSAR  
E EU ME SENTIR MAIS FELIZ  
VOLTANDO A AMAR, E SE ME PERGUNTAR  
RESPONDO FOI VOCÊ QUEM QUIS.

1/1 Nani

DESTAQUE DO MEU JEITO

PAREI PRA ANALIZAR  
 NÃO VOU CONTINUAR  
 SEGUINDO A MESMA ESTRADA  
 PRO CURSO AONDE ERREI  
 SABER ONDE EU PEQUEI  
 PRA TUDO DÁ EM NADA

AS FLORES DO CAMINHO  
 DE QUEM VAI SOZINHO  
 DOBRAM-SE BEM EM INSTANTES  
 TÁ TUDO TRABALHANDO  
 ACHO MELHOR ASSIM  
 QUE VIVER COMO ANTES

APOSTEI NA PAIXÃO  
 DOEI MEU CORAÇÃO  
 AMEI SEM BRINCADEIRA  
 PENSANDO EM SER FELIZ  
 VIVENDO POR UM TRIZ  
 CANSEI DE TAL MANEIRA

QUE É HORA DA VERDADE  
 E SE EU DEIXAR SAUDADE  
 ENCONTRE OUTRO PEITO  
 NÃO SOMOS MAIS A GENTE  
 ENTÃO DAQUI PRA FRENTE  
 VAI SER DO MEU JEITO

# PUNHAL DE PRATA

## CONSIDERAÇÕES

17/06/05

SE EU VOAR  
 ASAS QUE LEVAM NÃO ME TRARÃO  
 JUNTO AO ECO TRISTE DO CANTAR  
 QUASE INOPORTUNO DO PAVÃO

SE EU FICAR  
 LÁBIOS MEUS, BEIJSOS NÃO GANHARÃO  
 VIVERAM SOMENTE PRA CHAMAR  
 POR QUEM <sup>MUÇA</sup> LHEZ ATENDERÃO

E A SEDE MATA  
 QUEM MAIS SENTIR SEDE  
 PUNHAL DE PRATA  
 CRAVA NA PAREDE DO MEU CORAÇÃO  
 E EU MORRO - NO ADEUS

SE EU FIZER  
 TUDO QUE É PRECISO AGENTE TEM  
 UM MILHÃO DE FLORES PRA PLANTAR  
 NO SARDIM DO CORAÇÃO DE ALGUÉM

BASTA CÔ SABER QUE A POESIA  
 QUANDO ENCONTRA A MELODIA  
 SE ALINHA E DÁ NAMORO

NÃO VOU PROCURAR MILHÕES DE ESTRELAS  
 SE TE OLHANDO POSSO VÊ-LAS  
 FAZENDO NESSE CHORO = DE ADEUS

N. N. 17/06/05